



KARLA JULIA DALLALE &
PAULA GONZAGA DE SA

NO MEU FIM ESTÁ O MEU COMEÇO

Encontros com uma Rainha

EDITORA PENALUX
Guaratinguetá, 2022

Da Descoberta de Deus

*Será que ele não percebia,
que tudo era dom no lugar da dor?
Agora não há mais “a noite que (h)ouve”
nem mais nos tratamos com a reverência dos anjos.*

*Mas depois de tudo passado
pressinto o sagrado
do que passei ao seu lado.*

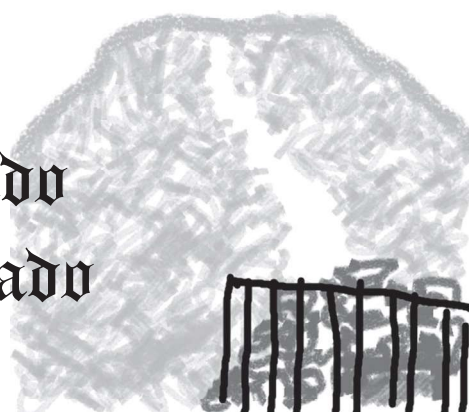
*Agradeço-lhe por haver me guiado
em tantas vidas
e a lua me inunda de perdões nessas
noites de convulsões.*

*Ergo um brinde a nós dois
pois conseguimos descobrir Deus num campo minado
e o sobrevoamos num voo rasante
do qual ressuscitamos.*

*E ressuscitaremos todos os dias,
por todos os séculos dos séculos,
arrebataando a lua,
em forma de poesia.*

PRÓLOGO

Atendendo ao chamado



In my end is my beginning.

— MARY STUART, QUEEN OF SCOTS¹

Em maio de 2019, eu quis iniciar minha viagem à Inglaterra pelo castelo onde a rainha Mary Stuart encontrara o seu fim.

Lá chegando, percebi que, de Fotheringhay, no norte da Inglaterra, nada mais restava a não ser a colina e umas poucas ruínas do castelo onde, em 1587, a rainha Mary Stuart fora julgada e decapitada. Contudo, assim mesmo eu quis conhecer o lugar, sentir a energia que me fazia voltar àqueles tempos.

O tempo cinza combinava com as ruínas e a ausência de ruídos, fora o do vento, que era perturbador. Seu som lúgubre se parecia com vozes sussurrando ao meu ouvido. Ouvi latidos de um cão, virei-me, mas não era nada. A sensação que tive era de estar acompanhada, apesar da solidão

1. “No meu fim está o meu começo.” — A derradeira frase pronunciada por Mary Stuart, rainha dos escoceses, no momento de sua execução.

ter sido minha companheira até agora. Mesmo com todo o vento, continuei minha caminhada pelas ruínas do castelo, agora mais atenta a sons agourentos.

Sempre desejei seguir os passos da mais icônica das rainhas escocesas. Uma soberana que foi julgada escandalosa em sua época, cuja lenda sobreviveu ao passar dos séculos, cada vez mais forte, concedendo-lhe uma imensa importância histórica. Daí minha vontade de viajar a fim de seguir seus passos.

Os historiadores sempre tiveram fascinação por Mary Stuart. Ela foi exemplo de uma mulher de forte personalidade, determinada, impulsiva, que sempre enfrentou as diversidades (e não foram poucas). Preciso ressaltar também o fato de que, geralmente, quando estudamos História, damos importância aos contextos externos, às condições sociais, à situação geográfica, mas devemos sempre nos lembrar de que a História é, no fundo, o estudo da natureza humana. Portanto, além de querer conhecer os lugares pelos quais ela passou, eu já tinha o pressentimento de que ela fora vítima de uma sociedade machista e extremamente preconceituosa.

À medida que prosseguia, sentia-me mais e mais ligada à sua vida. Imaginava-a sentada perto da janela, com sua dama de companhia, Bess Curle², neste castelo, sua derradeira morada na terra, esperando a visita que nunca chegou a acontecer, de sua prima, a rainha Elizabeth I ou de seu filho, o futuro rei James VI.

Solidarizei-me com ela. Uma rainha que ousou se apaixonar, viver amores maiores do que seus braços, numa época em que casamentos reais eram decididos desde a tenra

2. A rainha Mary teve servas que a acompanharam até o fim. Uma delas foi Elizabeth Curle, que esteve presente em sua execução.

infância. Mary Stuart sonhou e viveu com paixão o amor. Essa ancestral palavra que nunca morre.

De repente, ouvi sons de alguém se aproximando. O Sol, que não aparecia havia dias, surgiu de repente por entre as nuvens e, quando olhei para trás, uma figura de mulher trajada de rainha aos poucos aproximou-se de mim. Apertei os olhos, tentando percebê-la melhor, mas ela estava na frente da luminosidade solar que brilhava em toda a sua plenitude. Consegui apenas vislumbrar seu olhar cintilante e aflito. Neste momento, ela sussurrou-me: — Sei que você me compreenderia, eu lhe rogo, resgate o meu passado para a humanidade. Daqui a uma semana, me encontre às duas horas da madrugada, em Holyroodhouse³. — E desapareceu, levando consigo o Sol e o calor repentino.

O que aconteceu aqui?, perguntei-me deslumbrada. Não sentia medo. Eu sabia exatamente o que havia se passado. Ah, eu sabia! Ela veio a mim, a rainha cuja intensidade e paixão fizeram de seu nome mito, lenda e deslumbramento. A rainha, cuja vida estudei intensamente, veio a mim e suplicou minha ajuda. Isso é verdade, tinha a certeza de ter assistido a uma aparição!

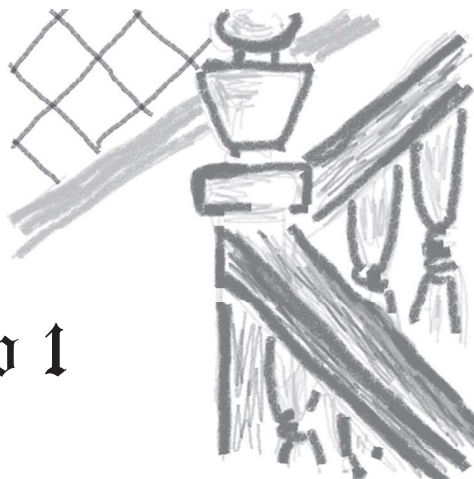
Voltei ao hotel e na noite escura repassei a experiência que tive. Consegui dormir, mas tive um sonho povoado por castelos, espíritos aflitos misturados à imagem da rainha Mary Stuart. Deste dia em diante, esta rainha saía das páginas dos livros em que eu estudava e passava a fazer parte do meu dia a dia, para sempre.

Eu tinha que partir em uma jornada à procura da verdadeira essência da rainha dos escoceses, aquela que, durante

3. O palácio de Holyroodhouse, parcialmente aberto ao público, é a residência dos soberanos escoceses em Edimburgo.

centenas de anos tem sido enigma e encanto para um enorme número de pessoas.

E eu iria me encontrar cara a cara com ela. Eu tinha a certeza de que não tivera nenhuma alucinação. Apenas lamentei o fato de ter escolhido um dos hotéis do famoso circuito *Haunted Rooms*, especializado em estabelecimentos com fama de serem assombrados, para pernoitar. Foi justamente no Talbot Hotel que se encontrava a velha escada na qual a rainha desceu para sua execução.



Capítulo 1

O vento estava implacável naquela noite. Ele batia com força no vidro da janela.

Lamentei o fato de gostar tanto de filmes de suspense e deles lembrar exatamente nessa hora. Lastimei não ter uma companhia hoje à noite.

Rezei baixinho.

De repente, sons na escada rasgaram a madrugada. Meu coração batia tão alto que parecia ressoar pelas paredes do quarto. Hesitei em abrir a porta. Pensei até em colocar uma cômoda que ali estava como anteparo para ninguém entrar, mas como movê-la sozinha?

— Deus meu! — exclamei alto. — São passos na escada, sim!

Creio que nesses momentos voltamos a nos sentir como crianças desamparadas.

De um salto saí da cama. Abri a porta, mas me detive no umbral. A claridade da lua iluminava a escada. Foi aí que vislumbrei uma mulher de costas, cabeleira vermelha, que descia cada degrau lentamente. Lembrei-me imediatamente dos quadros de Vermeer, que adorava jogar com o claro-escuro em suas telas, nas quais a luz é usada com perfeição

para criar ambientações. Eu a via como se fosse em uma tela onde o *chiaroscuro* me proporcionava uma visão fantasmagórica dela. De repente, ela me encarou e me disse em alto e bom som: “ENCONTRE-ME LÁ! POR FAVOR!”

Seu semblante era tão melancólico que fez meu coração se condoer de piedade. Ela continuou descendo as escadas e no último degrau encarou-me uma vez mais. Sua imagem foi se esmaecendo e, por fim, desapareceu.

Não chovia nem havia relâmpagos. Da janela, a lua cheia nos consagrava.

Pela manhã, a primeira coisa que fiz foi ligar para minha grande amiga Cassandra, que morava em Edimburgo. Nesta viagem, eu já havia programado que iria visitá-la na capital da Escócia.

Cassandra era minha amiga desde pequena. Além disso, chegamos a estudar juntas. Há muitos anos, ela era pesquisadora da Universidade de Edimburgo em física de partículas elementares.

— Eu preciso lhe contar o que me aconteceu ontem à tardinha — disse-lhe, trêmula.

— O que houve, você não virá mais? O que aconteceu, minha amiga? — perguntou-me, ansiosa.

— Cassandra, o espírito da rainha Mary Stuart me apareceu ontem, implorando por minha ajuda. Juro que é verdade. É tudo muito louco, mas juro que a vi. Ela me fez um pedido para que salvasse seu legado!

— Você tem certeza? — ela me perguntou, querendo desde já uma confirmação.

A imagem da rainha descendo a escada do hotel na noite anterior invadiu minha mente e, do nada, um pânico repentino me acometeu. Era uma forte sensação de estranheza,

como se uma presença incômoda estivesse me sondando. Tive vontade de gritar.

— Será que estou ficando louca? — e gritei ainda mais ao telefone.

Eu devia estar enlouquecendo. Mas Cassandra conseguiu me acalmar, aconselhando-me a não tentar resolver a questão da realidade ou não da aparição exatamente naquele momento. Acrescentou que, quando chegasse a Edimburgo, nós iríamos conversar com calma e chegaríamos a uma conclusão sobre o ocorrido.

Senti-me mais aliviada. Fui a um pub e almocei. De volta ao hotel, decidi que no dia seguinte sairia da cidade em que me hospedei, Oundle, a cinco quilômetros das ruínas de Fotheringhay, e que iria para Edimburgo de uma vez por todas. Comprei a passagem de trem e arrumei minhas coisas para no dia seguinte ir à cidade vizinha, Peterborough, pegar o expresso que me levaria direto à capital da Escócia. Depois, descansei um pouco e acordei à noitinha. Tinha trazido do pub *fish and chips* para a noite e foi o que comi de jantar.

Então, já deitada, abri meu laptop e fui direto para minha correspondência. Pronto, lá estava! Um e-mail sem remetente, sem assunto, com uma frase apenas: “*Save my soul tomorrow!*” (“Salve minha alma amanhã!”)

Era ela, eu estava certa disso, era Mary Stuart, a rainha dos escoceses, a mulher que ficou por tanto tempo sem direito de ir e vir, indo de castelos em castelos, à mercê da boa vontade dos senhores que a mantinham e principalmente de sua prima, Elizabeth I, que não a poupou do triste fim.

Livros iluminam

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em agosto de 2022.
